



CHIARELLI, Stefania; SARTINGEN, Kathrin (orgs.).
Histórias de água – o imaginário marítimo em
narrativas brasileiras, portuguesas e africanas.
Berlim: Peter Lang, 2023.

Alexandre Marzullo

Universidade Federal Fluminense (UFF) |

Niterói | RJ | BR

marzullo.alexandre.musica@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3504-6458>

I – Apresentação e estrutura da obra

Não há história da literatura que não reconheça a permeabilidade milenar de sua realidade com a poeticidade das águas. No caso específico do elemento marinho, a “fertilização recíproca” entre mar e literatura não se estabelece somente ao nível da idealização romântica de seu elemento. Diz respeito, antes e estruturalmente, aos contornos e conflitos que mobilizam a humanidade desde seu princípio, revelando o panorama de sua política sobre as águas – ou seja, no mar reside algo não-desprezível do ímpeto de sua História.

O recente livro *Histórias de água – o imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas* assim o demonstra, com êxito; compete-nos apenas sublinhar a importância crítica de sua publicação, permitindo que a própria obra realize seu essencial. Providenciado pela editora berlinense Peter Lang, trata-se de uma antologia internacional de ensaios organizada pelas pesquisadoras Stefania Chiarelli (Brasil) e Kathrin Saringen (Áustria), sobre narrativas que estão coligadas, desde a fonte, pela correlação entre o mar e a literatura, com atenção para os campos linguísticos e culturais estabelecidos.

A apresentação do livro reflete a de seu objeto primeiro: *Histórias de água* divide-se em quatro capítulos ou módulos, tendo cada qual três ensaios. A separação entre cada qual é ligeiramente temática; não se pretende categórica, e sim enunciativa das linhas comuns, filiais a cada tríade de textos. Essas linhas de força maiores não evitam as menores, que escorrem, intercomunicativas, entre os demais blocos e vice-versa, reunificando a apreensão do todo a cada ensaio; ou seja, a obra é pensada para permitir a possibilidade de confluências de

leitura em si mesma. Para melhor visualização do que estamos dizendo, é importante que delineemos os módulos do livro.

O primeiro deles, “Águas do tempo, tempo das águas”, trata sobre a figuração das águas tanto na literatura lusófona quanto na tragédia grega, tratando sobre obras que partem desde a tragédia de Medeia, a temida “bárbara do Mar Negro” à prosa machadiana de *Dom Casmurro* (1899), iluminado a partir de suas surpreendentes filigranas aquáticas. O bloco perpassa, ainda, o confronto colonial entre memória, voz e esquecimento dos nativos, na leitura crítica-comparativa entre *Iracema* (1865), de José de Alencar, e *O som do rugido da onça* (2020), premiado romance de Micheline Verunschik. Esta seção reúne ensaios de Sonia Netto Salomão, Stefania Chiarelli e Maria Fernanda Gárbero.

O segundo bloco, “Memórias negras e o ventre dos navios”, trata sobre as narrativas, heranças e resistências oriundas da diáspora negra, como os primeiros escritos de autores e autoras negros no Brasil, sem esquecer o importante caldeirão das canções populares brasileiras e sua imagética sincretista. Dorival Caymmi e Clara Nunes, dentre outros compositores, comparecem ao lado de uma pletera de pensadores e autores fundamentais, tais como Édouard Glissant, Kamau Brathwaite, Maria Firmino, Patrick Chamoiseau *et al*; conclui-se o bloco um estudo sobre o romance contemporâneo *Por cima do mar* (2019), de Deborah Dornellas. Os ensaios são assinados por Giovanna Dealtry, Eurídice Figueiredo e Rita Olivieri-Godet, respectivamente.

Já o terceiro módulo, “Águas passadas, as mesmas águas”, versa sobre a persistência sintomática de questões ligadas ao colonialismo, resíduo incômodo de nossa lusofonia, mas também no que diz respeito às configurações poéticas de um exílio pelas águas – seja em âmbito pós-colonial ou não. Cineastas brasileiros como Glauber Rocha, Guel Arraes, dentre outros, acompanham-se de Saramago, Lobo Antunes e dos africanos Mia Couto e Agualusa, enquanto as poéticas de Jorge de Sena, Apolo de Carvalho, Fernando Pessoa e Ruy Belo são estudadas em suas perspectivas singulares diante da desterritorialização que oferece o mar. Comparecem aqui os ensaios de Kathrin Saringen, Silvio Renato Jorge e Vincenzo Russo.

Finalmente, “Mapas de água”, último módulo, trata do caráter propriamente político das diásporas e emigrações, a partir do que se revela da problemática ética, moral e jurídica das hospitalidades nos países envolvidos. É o fechamento dos ensaios, mas não da obra; estudam-se aqui as narrativas dos emigrantes italianos para a América do Sul, no final do século XIX e início do XX, em paridade com relatos de luta pelo direito à cidade, como na ocupação que o MSTC¹ fez no Hotel Cambridge, em São Paulo. E há também um ensaio elaborado a partir da poética (ética) de Primo Levi, utilizada como ponto de partida para pensar a instância da fuga como mote literário – e político –, elemento tão determinante em emigrações, exílios e afins. Temos aqui as contribuições de Adriana Marcolini, Leila Lehnen e Rosana Kohl Bines.

Ao cabo e ao fim, é pertinente que a conclusão do livro esteja na entrevista com o escritor Milton Hatoum, em diálogo com Stefania Chiarelli. A palavra do escritor arremata com poética autoridade os textos críticos, ao delinear o protagonismo da figuração das águas não só na história da literatura, mas no decurso do próprio pensamento ocidental e transatlântico. Nas palavras de Hatoum,

... as grandes viagens marítimas, a conquista de territórios, a escravização de milhões de pessoas, a água é uma espécie de fonte primordial e mítica. Às

¹ Movimento Sem Teto do Centro.

vezes a gente esquece, mas está falando só do mundo Ocidental, há também uma espécie de *black Athens*, uma Atenas negra Oriental também presente na literatura clássica. A água também faz parte da reflexão de um dos primeiros filósofos do Ocidente, Heráclito, se pensarmos nos fragmentos de Heráclito, em um dos mais famosos, que muitos conhecem, é impossível se banhar duas vezes ou entrar duas vezes no mesmo rio, porque a água passa e já somos outros. *Uma relação muito profunda, fiz essa digressão para dizer que a água tem uma relação com o tempo, com a passagem do tempo, portanto é um tema profundamente romanesco* (Hatoum *apud* Chiarelli; Saringen, 2023, p. 229, grifos nossos).

II – Oceanoliteralogia

Se, como Milton Hatoum disse, a realidade do romanesco pode ser inferida pelas águas, pelo tempo, por esse inapreensível que se torna literário pela voz, pelo sonho, enfim, pela escrita em sua perlaboração, então podemos dizer que ao concentrar-se em uma espécie de “crítica das águas narradas”, *Histórias de água* inaugura uma espécie de “oceanoliteralogia” – uma oceanografia da literatura do mar.

Ensaio por ensaio, essa “oceanoliteralogia” teria como mote uma capacidade fundamental a toda “narrativa de/da água” que se preze: a possibilidade de descentralizar o elemento humano que a informa, habitualmente seu narrador *de fato*, efetuando um deslocamento de sua posição de protagonismo, ou de autoridade, na exegese de uma obra poética (ou mesmo histórica). Para além da voz que narra, portanto, passamos a atentar ao detalhe, à filigrana, ao enunciado por trás dos diálogos; aquilo que emerge. Escutamos o sentido profundo do vazio entre as palavras: seus transbordamentos, seus escorrimentos. Resulta disso que a configuração das águas na urdidura literária da obra, insuspeitamente, revela a profunda capacidade crítica que aquela elaboração poética detém acerca de seu próprio tempo: algo como sua *dimensão em naufrágio* – aquilo que, nela, por algum motivo permaneceu por contar, mas que ainda assim pode ser inferido, ou ao menos localizado – *resgatado* é a palavra – pela maneira como as águas estão tratadas, retratadas, temporalizadas, figuradas, endereçadas no texto estudado. Precisamente, vêm desse resgate as confluências e diálogos notáveis que os ensaios do livro traçam, com pertinência, com a historiografia geral, com a antropologia social, com a sociologia crítica, com os estudos culturais, bem como com certa arqueologia das migrações europeias e das narrativas dos escravizados no Brasil.

A importância de tal procedimento é trans-histórica, e reflete um fenômeno que os estudos de literatura conhecem bem, denotado pela capacidade sustentada de encanto que um texto poético demonstra ao atravessar séculos e ultrapassar fronteiras – encanto renovado a cada encontro entre leitor e livro. Esta, a definição de experiência estética para Jorge Luis Borges, despreza fronteiras cronológicas e validações contemporâneas. E como imagem desse reflexo, teremos que, em última instância, uma oceanoliteralogia é um elogio da diferença, da complexidade, da alteridade como propriedade íntima daquilo que é literário e que nos diz respeito. Eis a razão pela qual a antologia tão graciosamente faz representar, como abertura possível, cada um de seus textos como uma espécie de “porta sobre as ondas”²: a um só tempo, convite e sentimento de filiação radical em face do outro, do estran-

² Nas palavras de Chiarelli e Saringen (2023, p. 7), “Uma porta comum, com a pintura descascada, se move sobre as ondas, sem ponto de partida ou de chegada. Capturada em fotografia e vídeo por Santiago Vélez,

geiro, do fora do tempo, do desconhecido, do naufragado pela História – ao nível mesmo de uma *unidade submarina*³ entre leitores, para parafrasear o poeta Kamau Brathwaite, esteticamente inaugurada pela leitura – pela literatura.

É certo que o jogo metafórico que aqui se sugere, fruto do contato com a antologia de Chiarelli e Saringen, deve ser delineado na interioridade da experiência íntima de cada leitor. Mas é inafastável seu relevo ético. Sob a premência de uma súbita unidade submarina, tornamo-nos todos potencialmente anônimos, excluídos, desterrados, exiláveis. E por outro lado e pelo mesmo motivo, percebemo-nos dignos de uma maior dignidade do que a que recebemos e reconhecemos em terra. Não é por acaso que existe um senso de urgência humanitária motivando os textos da antologia, calibrado sem turvar a capacidade poética das obras analisadas. Nas palavras de suas organizadoras,

... podemos seguir viagem por entre palavras que pensam a água como lugar da vida e da memória, mas também na sua condição de espaço político marcado por assimetrias e violências históricas. Abrir essa porta [sobre as ondas] nos permite interrogar questões fundamentais da atualidade, endereçando perguntas sobre todo um contingente de significados evocados por esse rico imaginário aquático. São muitas as travessias e os naufrágios. [...] *Vale indagar o que significa narrar as águas hoje, pensando na perspectiva de tantas migrações, da perda de lar, da língua e da cultura. Também urge pensar o sentido da utilização dos recursos naturais entre tantas mudanças climáticas.* [...] não parece gratuita a tarefa de ouvir esses relatos, de colocar nossa sensibilidade em sintonia com os ruídos e os silêncios que a natureza tem produzido (Chiarelli; Saringen, 2023, p. 7-8).

Pois bem: é realmente o próprio da literatura comparada, afinal. Seu fio de ouro se transforma em tecido marinho ele mesmo, a reunir diferentes disciplinas, pensamentos assincrônicos em sua costura: aquedutos éticos que irrigam canais secretos a cada leitor, e permitem civilizações de outra categoria. Como arquipélagos de um dizer humano que quer se ouvir, em terras de partida e em terras de chegada.

Referências

CHIARELLI, S.; SARTINGEN, K. (orgs.). *Histórias de água – o imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas*. Berlim: Peter Lang, 2023.

FIGUEIREDO, E. “Memórias submersas: o tráfico negreiro como crime fundador da América”. In: CHIARELLI, S.; SARTINGEN, K. (orgs.). *Histórias de água – o imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas*. Berlim: Peter Lang, 2023.

SALOMÃO, S. N. “A presença do mar em *Dom Casmurro*: filigranas machadianas”. In: CHIARELLI, S.; SARTINGEN, K. (orgs.). *Histórias de água – o imaginário marítimo em narrativas brasileiras, portuguesas e africanas*. Berlim: Peter Lang, 2023. p. 13.

a imagem integra a série ‘Portas ao mar’ e faz parte do projeto Geopoética da água (2017). Tal cena traduz várias das questões discutidas neste volume [...] algo ali resiste. A porta está de pé: não afunda, não se quebra. Na movência da paisagem líquida, ela carrega uma multiplicidade de sentidos que os ensaios aqui presentes evocam”.

³ No original, “*The Unity is Submarine*”.